

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Bianca Gonçalves da Silva

**Protagonismo feminino na produção cultural: narrativas do
Festival Escambau.**

São Paulo
2024

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Protagonismo feminino na produção cultural: narrativas do Festival Escambau.

Bianca Gonçalves da Silva

Orientadora: Profa. Me. Cláudia Vendramini Reis

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

São Paulo

2024

AGRADECIMENTOS

À Profa. Me. Cláudia Vendramini Reis por seus ensinamentos e pela escuta sensível.

À secretaria do CELACC pela organização.

À minha família por estarem sempre presentes e aos amigos por contribuir para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus colegas de turma por enriquecerem as discussões nas aulas.

PROTAGONISMO FEMININO NA PRODUÇÃO CULTURAL: NARRATIVAS DO FESTIVAL ESCAMBAU¹

Bianca Gonçalves da Silva²

Resumo: O presente artigo apresenta a contribuição das mulheres na produção cultural, sobretudo destacando um estudo de caso sobre o projeto cultural “Festival Escambau”, que acontece na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro. Entre os objetivos principais destaca-se a necessidade de fortalecer o protagonismo feminino no campo da produção cultural e uma análise sobre a influência da questão de gênero na produção de projetos culturais.

Palavras-chave: Projetos culturais. Protagonismo feminino. Baixada Fluminense. Festival Escambau.

Título do artigo em inglês

Abstract: This article presents the contribution of women to cultural production, especially highlighting a case study on the cultural project “Festival Escambau”, which takes place in Baixada Fluminense, metropolitan region of Rio de Janeiro. Among the main objectives, the need to strengthen female protagonism in the field of cultural production and an analysis of the influence of gender issues in the production of cultural projects stands out.

Key words: Cultural Projects. Female Protagonism. Baixada Fluminense. Festival Escambau.

Título do artigo em espanhol

Resumen: Este artículo presenta la contribución de las mujeres a la producción cultural, destacando especialmente un estudio de caso sobre el proyecto cultural “Festival Escambau”, que se desarrolla en la Baixada Fluminense, región metropolitana de Río de Janeiro. Entre los principales objetivos destaca la necesidad de fortalecer el protagonismo femenino en el ámbito de la producción cultural y un análisis de la influencia de las cuestiones de género en la producción de proyectos culturales.

Palabras clave: Proyectos Culturales. Protagonismo Femenino. Baixada Fluminense. Festival Escambau.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

² Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais (CELACC USP). Graduada em Artes Visuais (UERJ).

Introdução

O presente artigo apresenta um estudo de caso sobre o projeto cultural “Festival Escambau”, que acontece na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro (RJ). O objetivo do mesmo se concentra em uma análise sobre a contribuição das mulheres na produção de projetos culturais e, sobretudo, em destacar a necessidade de fortalecer o protagonismo feminino no campo da produção cultural.

A autora³ desta pesquisa, atua como produtora cultural no Rio de Janeiro e foi no decorrer do desenvolvimento de um projeto cultural, intitulado "Ressignificando Dores e Vivências através da Colagem", que emergiu o interesse em refletir sobre os desafios e os processos intrínsecos à produção cultural, bem como sobre as razões pelas quais a presença feminina ainda é sub-reconhecida nesse campo. Impulsionada por tais questões, a autora começou a investigar majoritariamente projetos culturais desenvolvidos por mulheres. O projeto teve entre seus objetivos, o de fomentar o diálogo sobre a arte da colagem e a educação feminista, promovendo o enfrentamento à violência contra mulher e oferecendo acolhimento e ferramentas de empoderamento por meio da educação, da produção e da expressão artística.

"Ressignificando Dores e Vivências através da Colagem" foi realizado online durante a 22ª edição do Festival do Instituto de Artes (FEIA 22), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Em abril de 2022, foi selecionado pelo edital *RE FARM CRIA*, patrocinado pelo Instituto *Precisa Ser* junto com a *FARM*, oferecido novamente no formato online, alcançando diversas mulheres de diferentes regiões do Brasil. Em 2023, o projeto foi apresentado presencialmente na 1ª Semana de Cultura e Extensão da Escola de Comunicação e Artes (ECA), na Universidade de São Paulo (USP) e, em 2024, foi realizado pelo Programa Funarte Aberta 2023 - Ocupação dos Espaços Culturais, no Rio de Janeiro.

³ Desde 2016, a autora desta pesquisa, Bianca Gonçalves, atua como produtora cultural no Rio de Janeiro e foi moradora por 21 anos de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Ao longo desses oito anos, teve a oportunidade de trabalhar em espaços culturais, museus, galerias de arte, ONG e eventos independentes nos campos das artes visuais e audiovisual. Iniciou seus estudos no curso de artes visuais, em 2013, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde a partir dessa experiência surgiu a oportunidade de começar sua carreira como produtora cultural. É idealizadora e produtora executiva do projeto cultural "Ressignificando Dores e Vivências através da Colagem", desde 2021, que oferece oficinas artístico-culturais de colagem para mulheres.

Tendo essas experiências e pensamentos como base, a presente pesquisa propõe destacar a participação feminina na produção cultural do projeto “Festival Escambau”. O trabalho tem como objetivos: apresentar os processos de construção do Festival Escambau; analisar como a questão de gênero influencia as produções culturais; e reconhecer a presença de mulheres na baixada fluminense atuando na produção cultural. Para isso, o trabalho foi dividido em três seções e, como base para desenvolvimento da pesquisa, foram utilizadas entrevistas estruturadas com a equipe do “Festival Escambau”, composta por mulheres em posições de relevância no projeto.

Na primeira seção, intitulada “Caminhos e Desafios: A Contribuição Feminina na Produção Cultural”, discute-se a importância e os papéis desempenhados pelas mulheres enquanto produtoras culturais. A segunda parte, intitulada “Festival Escambau: Exposição Coletiva Narrativas Visuais e Identidades Femininas”, analisa a construção e o impacto cultural do “Festival Escambau”, enfatizando a interseção entre as artes visuais, o protagonismo feminino e a produção cultural. Por fim, no terceiro momento, “Entrevistas com as Mulheres do Festival Escambau”, são apresentados os relatos das entrevistadas, fomentando uma reflexão sobre os espaços ocupados por mulheres na produção cultural e como a questão de gênero influencia a construção de projetos culturais.

1. Caminhos e desafios: a contribuição feminina na produção cultural

Ao observar o campo da produção cultural no Rio de Janeiro, nota-se que grande parte dos profissionais são compostos por mulheres, mas o reconhecimento dessas que atuam nesse mercado ainda é insuficiente. De acordo com o estudo do *Institute for Women’s Policy Research* (IWPR), as mulheres ocupam apenas cerca de 30% das posições de liderança em organizações culturais, como museus e galerias, se observarmos, frequentemente encontramos homens como idealizadores de grandes eventos culturais. O protagonismo feminino na produção cultural vem ganhando força, na 3ª edição do estudo de Estatística de Gênero, divulgado pelo IBGE, mostra um relatório que reúne dados de desigualdades de gênero e empoderamento feminino de diferentes pesquisas. Esses dados se referem ao percentual de mulheres que ocupam cargos de gerência, nos setores público e

privado. Em 2022, 39,3% desses cargos de liderança eram ocupados por mulheres, 3,3 pontos percentuais a mais do que em 2012.

Embora os avanços esteja acontecendo, as mulheres frequentemente enfrentam desafios relacionados à desigualdade de gênero e à sub-representação em cargos de liderança, muitas dessas mulheres ainda se veem relegadas a posições secundárias em projetos e instituições, desempenhando papéis frequentemente subestimados ou marginalizados, apesar de sua relevância e contribuição para o desenvolvimento do setor.

O ofício da produção cultural é parte fundamental para viabilização e implementação de qualquer projeto cultural, sendo um elo importante entre a concepção criativa e a execução prática. Exige do/a profissional uma atuação diversificada, que abrange não apenas habilidades organizacionais e logísticas, mas também um profundo conhecimento das diversas áreas que interagem no campo cultural. Contudo, apesar de sua importância estratégica, essa função permanece, para grande parte da sociedade, desconhecida e subvalorizada, o que contribui para a invisibilidade do trabalho desempenhado por esses profissionais e para o baixo reconhecimento de sua contribuição para o processo de criação e fruição cultural. Buscando por uma definição apresento a de Rachel Gadelha e Alexandre Barbalho, quando se refere aos produtores culturais:

São profissionais que, não sendo necessariamente artistas e nem detentores de recursos financeiros, materiais ou políticas, trabalham incansavelmente e por vezes anonimamente para criar as condições necessárias à produção e à apreciação da arte. Acreditando no potencial de um projeto cultural ou artístico, possuem uma forte capacidade de realizar, articular e negociar, assim como a condição de superar desafios para possibilitar a realização dos empreendimentos a que se propõem. (GADELHA e BARBALHO, 2013, p.70).

Além dessas dificuldades, as mulheres nessa área enfrentam obstáculos ainda maiores nas dinâmicas de trabalho. A escassez de lideranças femininas, especialmente no setor artístico, é um reflexo da desigualdade de gênero em nossa sociedade, na qual privilégios sociais reforçam a predominância masculina nos espaços de poder e nas tomadas de decisão. Percebemos que a presença de mulheres em cargos de liderança e sua participação em decisões políticas impactam positivamente no desenvolvimento da economia criativa.

Outrossim, há diferenças de salários entre homens e mulheres no mercado de trabalho em geral. No Brasil, de acordo com o IBGE, em 2022, os homens

recebem um salário médio 17% maior que as mulheres, essa diferença também aparece no setor cultural, sendo assim prejudicadas pela diferença salarial.

Necessário também pensarmos de forma interseccional, “pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável” (RIBEIRO, 2016, p.101), destacando a importância de considerar essas categorias de forma conjunta na análise das desigualdades sociais. Enquanto as mulheres brancas enfrentam a discriminação de gênero, as produtoras racializadas são ainda mais afetadas por múltiplas formas de opressões em detrimento das outras. Torna-se, portanto, urgente que as discussões sobre raça e classe sejam integradas às discussões de gênero, reconhecendo as complexas e sobrepostas realidades vividas por essas mulheres.

Na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro, frequentemente aparece nos jornais e em outros meios de comunicação, muitas vezes sensacionalista, notícias que predominam narrativas de violência e criminalidade. Essa representação contribui para uma percepção negativa que prejudica as diversas manifestações artísticas e culturais que se desenvolvem nesse contexto, perpetuando também estigmas que dificultam a valorização e o reconhecimento do potencial criativo e inovador presente nesta região.

Devido a esses fatores, as produtoras culturais que moram e atuam na Baixada Fluminense, enfrentam desafios específicos em seus contextos socioeconômicos, culturais e políticos, que influenciam a viabilidade, visibilidade e reconhecimento de seus projetos culturais. Além da desigualdade de gênero, as mulheres também enfrentam a limitação de recursos financeiros, ou seja, a falta de acesso a financiamento e captação de recursos, que acaba por prejudicar a criação de seus projetos culturais, acentuando a desvalorização do trabalho feminino no setor cultural.

As condições socioeconômicas da Baixada Fluminense evidenciam esses desafios, das pequenas e médias produções que acontecem na região que carecem de recursos financeiros e que enfrentam limitações significativas. As demandas acabam por se sobrepor na função das produtoras mulheres. A falta de infraestrutura e apoio institucional, torna a viabilidade de projetos culturais ainda mais complexa e desafiadora. Sem um sistema estruturado de colaboração e articulação entre os diferentes agentes, às produtoras culturais enfrentam sérias limitações no acesso a oportunidades de crescimento e no desenvolvimento de suas

carreiras.

Uma rede de apoio formada por mulheres é essencial para impulsionar o empreendedorismo feminino, fortalecer projetos culturais, valorizar o território e para promover a equidade de gênero. A solidariedade entre mulheres é crucial no enfrentamento das desigualdades e dos inúmeros desafios impostos por um sistema que, frequentemente, silencia suas vozes, como destaca bell hooks “Entendíamos que solidariedade política entre mulheres expressa na sororidade vai além de reconhecimento positivo das experiências de mulheres, e também da compaixão compartilhada em casos de sofrimento comum.” (hooks, 2006, p. 30), enfatizando a importância da ação coletiva na luta pela equidade de gênero.

A construção de uma rede de apoio é essencial para que as mulheres possam se unir, compartilhar experiências e fortalecer suas presenças no setor cultural, criando um ambiente mais inclusivo e acolhedor. Dessa maneira, elas não apenas combatem as opressões estruturais, mas também constroem espaços de resistência, visibilidade e empoderamento, reafirmando o valor de suas experiências e a importância de sua atuação em diversas esferas sociais e culturais. Ao se analisar o contexto cultural da Baixada Fluminense, a luta pela igualdade de gênero vai além da conscientização sobre as desigualdades existentes, exigindo também a criação e implementação de políticas públicas efetivas que promovam a inclusão, o reconhecimento e o fortalecimento das vozes femininas.

2. “Festival Escambau”: exposição coletiva “*Narrativas Visuais e Identidades Femininas*”.

O projeto cultural “Festival Escambau” é uma iniciativa idealizada por Mateus Carvalho, que visa valorizar e fomentar a produção artística na Baixada Fluminense, especialmente nas artes visuais, e contribuir para a difusão das artes por meio da economia criativa. Além de promover a valorização do fazer artístico e cultural, o Escambau busca realizar um evento diversificado e sustentável tanto ambiental quanto economicamente, oferecendo ao público feira criativa, apresentações musicais, exposição de arte e ações afirmativas. Suas metas incluem o desenvolvimento de setores da produção, a promoção da acessibilidade cultural e o fortalecimento de uma rede produtiva baseada na cooperação e conscientização cultural e social.

O Festival colabora para o fortalecimento da economia criativa através da

moda, gastronomia, música e artes visuais. Aberto e gratuito ao público, o evento atrai um público diversificado, reunindo famílias, jovens e adultos, em um ambiente seguro, confortável e acessível para todos os participantes. Além disso, se configura como um marco para a produção cultural local, promovendo a convergência entre diferentes gerações, ao mesmo tempo em que celebra e eleva as múltiplas expressões artísticas contemporâneas, proporcionando um ambiente propício ao intercâmbio cultural e à reflexão estética.

Após um intervalo de tempo sem realizar edições presenciais, por conta da pandemia do Covid-19, o festival retornou em 2021, resgatando a tradicional feira que reúne e contempla empreendedoras que trabalham com diversos produtos, como roupas e acessórios. A participação dessas mulheres não apenas garante uma oportunidade significativa para divulgação de seus trabalhos e produtos, como também contribui para o impulsionamento da economia local. Destacando a importância de manter a roda da economia criativa girando, o Festival tem como um dos seus objetivos fazer com que esses encontros possam contribuir para a geração de renda de diferentes empreendedoras dos mais variados setores da indústria criativa através do contato com o público.

Em 2024, o Festival além de oferecer a tradicional feira de economia criativa, apresentou a exposição coletiva *“Narrativas Visuais e Identidades Femininas”*, promovendo a valorização e o fomento da produção artística na Baixada Fluminense, com ênfase especial da edição para artes visuais e para o protagonismo feminino. A proposta apresentou uma exposição que ficou em cartaz por sete dias na Casa de Cultura Ney Alberto, no Complexo Cultural Mário Marques, em Nova Iguaçu, dedicada exclusivamente a obras de mulheres da Baixada Fluminense. O objetivo era ampliar a visão sobre o território, destacando a importância das mulheres na construção da identidade local, buscando promover a valorização e o fomento da produção artística na Baixada Fluminense, com ênfase especial da edição para artes visuais e o protagonismo feminino. O evento ofereceu um espaço para a troca entre artistas da região e o público local, além de contribuir para a difusão dessas narrativas.

Ao longo desta edição, a curadora Sarah Martins procurou abranger uma variedade de perspectivas da presença feminina na Baixada Fluminense, explorando aspectos como corpo, ancestralidade, cotidiano, trabalho, relação familiar e comunitária, dentre outros, guiados pelos enfoques *“Identidades Vivas”*, *“Corpo e*

Movimento” e “Arte Urbana”. Todas as artistas participantes nasceram e/ou viveram na Baixada e possuem uma história para contar por meio da arte, além de representarem uma multiplicidade de estilos e práticas artísticas.

Iniciativas como a do Festival Escambau são exemplos notáveis de como as mulheres estão se unindo para criar e gerenciar projetos culturais, superando desafios históricos e reivindicando seus espaços. Por meio de narrativas e experiências compartilhadas, essas profissionais não apenas enfrentam e rompem com os estereótipos de gênero, mas também contribuem para a construção de uma nova realidade no setor cultural, estimulando uma transformação no cenário artístico.

3. Entrevistas com as mulheres do “Festival Escambau”

Neste artigo, apresentamos um recorte da rotina de trabalho das mulheres envolvidas na produção cultural do projeto “Festival Escambau”, utilizando esse recorte como ferramenta para a discussão dos aspectos que envolvem o protagonismo feminino na produção cultural. As entrevistas visam viabilizar as narrativas desses profissionais e suas respectivas funções, especialmente por meio de perguntas estruturadas direcionadas às mulheres que atuam no projeto.

O objetivo é evidenciar a percepção que esses profissionais têm sobre suas funções, as dificuldades que enfrentam no dia a dia e as conquistas que a produção cultural proporciona. As entrevistas permitem aprofundar as questões que permeiam o processo de construção de um projeto cultural, com perguntas objetivas que geram respostas objetivas.

Foram realizadas quatro entrevistas que ocorreram em novembro de 2024, via e-mail enviadas por escrito e via Whatsapp enviadas por áudio. Todas as entrevistas foram transcritas integralmente registrando as opiniões das entrevistadas a respeito das questões apresentadas. Ressaltamos que essa pesquisa não tem o intuito de estabelecer parâmetros de caráter definitivos, a tentativa é de tornar esses profissionais agentes das suas próprias narrativas apresentando testemunhos de uma vivência na produção de projetos culturais. As perguntas aplicadas a cada profissional foram as seguintes:

1) Qual o seu nome e sua idade?; 2) Qual a sua naturalidade e o local onde reside atualmente?; 3) Qual seu grau de escolaridade?; 4) Como você se reconhece

enquanto produtora cultural?; 5) Em qual área do Festival você atua?; 6) Há quanto tempo atua nessa área?; 7) Por que escolheu essa área?; 8) Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou nesse projeto?; 9) Você acredita que existem mais mulheres ou homens atuando com produção cultural?; 10) Quais as posições você acredita que as mulheres ocupam com mais regularidade nos projetos culturais?; 11) Você considera que há desigualdade de gênero no âmbito da produção cultural?; 12) Como é ser mulher e atuar como produtora cultural?; 13) Como a questão de gênero interfere na sua profissão?.

A percepção que esses profissionais têm sobre suas funções se relacionam sobre como os profissionais de produção cultural percebem sua entrada nesse campo, difícil encontrar razões objetivas para ingressar na carreira de produtor cultural, muitas vezes, não é escolhida de forma completamente planejada, mas sim como um caminho que, de alguma maneira, "te escolhe", conforme relatada por uma das entrevistadas:

Costumo dizer que, na verdade, foi a produção cultural que me escolheu. Sempre fui sensível à arte em suas diversas linguagens, mas não imaginava que poderia atuar profissionalmente nessa área. Em 2019, iniciei um trabalho em uma rede de bibliotecas comunitárias, e a partir daí, diversos projetos começaram a surgir na minha vida. A Aldir Blanc em 2020 foi um marco fundamental, permitindo que eu me enxergasse como uma fazedora de cultura, expandindo tanto meus conhecimentos quanto minha atuação. Isso me levou a iniciar novos projetos, conectar-me com outros produtores da Baixada Fluminense e integrar a equipe do Festival Escambau. Acredito que essas escolhas refletem um desejo meu, que sempre esteve presente, de fomentar novas perspectivas de futuro para meus pares por meio da arte e da cultura. (Trecho da entrevista com Carol Nunes, Apêndice A)

Essa ideia de que a carreira "te escolhe" também está ligada ao fato de que a produção cultural, como campo de atuação, nem sempre é vista de forma consolidada e estabilizada na sociedade. No imaginário popular não é uma "carreira dos sonhos" da maioria das pessoas, no sentido de não ter a mesma visibilidade, prestígio ou estabilidade que outras profissões, como medicina ou direito, algo que surge da necessidade de viabilizar a arte e os projetos culturais, ao invés de uma escolha calculada desde o início. Observando também que muitas vezes, ter o envolvimento com as artes visuais – seja como artistas, seja por meio de experiências familiares ou educacionais – estabelece um "caminho natural" para a inserção nesse campo.

E por muitas vezes essa relação é a única forma de exercer e disseminar a carreira no meio artístico, dado às diversas dificuldades impostas pelo próprio setor. Assim, acaba se tornando, ao mesmo tempo, um fator de superação e um estímulo para ingressar na produção cultural.

Sou artista visual, e acredito que a intersecção entre meu trabalho artístico e a produção cultural me fez perceber as lacunas existentes entre artistas e o público. O projeto da Escambau surgiu como uma oportunidade que eu mesma gostaria de ter, e isso me motivou a olhar para ele com a intenção de construir os espaços que eu mesma gostaria de ocupar. Considerei as dificuldades de ser mulher e artista, especialmente em territórios como a Baixada Fluminense, onde, muitas vezes, artistas que são reconhecidos em outros contextos têm pouca circulação local devido à falta de equipamentos e espaços para exposições. Esse contexto também influencia a formação de novos artistas e a construção de novos espaços, como ocorreu com a exposição da Escambau. (Trecho da entrevista com Sarah Martins, Apêndice D)

As questões que permeiam o processo de construção de um projeto cultural, perpassa pelos desafios relacionados à desigualdade de gênero, ao valorizar as narrativas das produtoras culturais, suas respostas apresentam suas impressões, angústias, dificuldades e caminhos que elas trilham, a partir do entendimento de como é ser mulher no campo da produção cultural. Nas respostas, as entrevistadas compartilham tanto as dificuldades quanto as conquistas relacionadas ao seu trabalho, utilizando-o como uma ferramenta de acolhimento, de luta e de fortalecimento de outras mulheres.

Tem seus lados positivos e negativos. No geral, é uma grande pressão para estar sempre à frente em todos os âmbitos, tendo que provar sua competência e os motivos para ocupar o lugar que ocupa. No entanto, também existe o bônus de que cada vez mais as mulheres vêm se reunindo para quebrar essas barreiras impostas, criando espaços de trabalho coletivos e redes de produtoras e artistas femininas que se fortalecem e se ajudam mutuamente. (Trecho da entrevista com Carol Nunes, Apêndice A)

As dificuldades diárias e as conquistas proporcionadas pela produção cultural evidenciam que a presença das mulheres impacta diretamente na organização e na dinâmica de cada projeto. O fortalecimento mútuo entre elas acaba servindo de incentivo para que outras mulheres se motivem a seguir e permanecer na profissão.

[...] Enquanto uma pessoa negra, mas principalmente pessoa trans e uma produtora jovem. Eu tive a sorte de ter pessoas como a Lis e a Carol (que também fazem parte da equipe do projeto) para me adentrar nos espaços, pois a maior dificuldade é a quantidade de homens que esse mercado

carrega que reproduzem a lgbtfobia e o machismo. (Trecho da entrevista com Antonia Rodrigues, Apêndice B)

As mulheres que atuam como produtoras culturais enfrentam diversas dificuldades, especialmente quando analisamos através da perspectiva de gênero. Ao refletir sobre os desafios de trabalhar nesse campo, a entrevistada enfatiza:

Ser mulher e atuar como produtora cultural é um desafio que envolve lidar com a dinâmica de liderar processos em que homens estão envolvidos, o que pode trazer resistências e questionamentos adicionais. Ao mesmo tempo, é uma oportunidade de romper com estigmas e buscar formar uma equipe com uma presença cada vez maior de mulheres e que seja diversa em todos os sentidos, mostrando que a liderança feminina contribui para a diversidade e inovação nos projetos culturais. (Trecho da entrevista com Liz Córdova, Apêndice C)

Acreditando que é possível construir uma nova forma de fazer projetos culturais, o “Festival Escambau” se destaca por ser majoritariamente composto por mulheres, ocupando espaços de comando e de decisões, atuando ativamente nas atividades de criação, concepção e liderança do projeto. Esse modelo ressalta a importância da presença feminina na produção cultural, promovendo a discussão sobre as relações de gênero e poder, com o objetivo de, um dia, superar essas desigualdades.

O projeto da Escambau surgiu como uma oportunidade que eu mesma gostaria de ter, e isso me motivou a olhar para ele com a intenção de construir os espaços que eu mesma gostaria de ocupar. Considerei as dificuldades de ser mulher e artista, especialmente em territórios como a Baixada Fluminense, onde, muitas vezes, artistas que são reconhecidos em outros contextos têm pouca circulação local devido à falta de equipamentos e espaços para exposições. Esse contexto também influencia a formação de novos artistas e a construção de novos espaços, como ocorreu com a exposição da Escambau. (Trecho da entrevista com Liz Córdova, Apêndice C)

Mesmo existindo uma escassez no meio artístico e não sendo uma área de atuação consolidada e regularizada, o trabalho desempenhado pelas mulheres na produção cultural vem abrindo portas para que no futuro se torne um instrumento de identificação para as próximas gerações. Se reconhecendo como disseminadoras da cultura e da arte no Brasil.

Considerações finais

Na produção cultural, realizada em grande parte por mulheres, frequentemente carece de reconhecimento devido a essas profissionais. Este estudo buscou evidenciar a percepção dessas mulheres sobre suas funções, as dificuldades que enfrentam e as conquistas resultantes de seu trabalho no campo cultural. As entrevistas realizadas ofereceram uma visão valiosa das experiências das produtoras, destacando não apenas os cargos que ocupam, mas também a configuração da participação feminina no cenário artístico.

Um exemplo significativo é o “Festival Escambau”, que demonstra a importância de respeitar as estruturas locais e envolver a comunidade, sendo fundamental para a realização de várias edições bem-sucedidas. A partir das reflexões apresentadas, conclui-se que, para promover a equidade de gênero, é imperativo implementar políticas públicas que apoiem a inclusão feminina e valorizem o trabalho das mulheres na cultura.

É essencial considerar que, além das sobrecargas de funções, as produtoras culturais enfrentam uma carga emocional significativa, que é frequentemente exacerbada por questões de gênero. Muitas delas, quando têm a oportunidade, priorizam a contratação de outras mulheres, o que não apenas fortalece as equipes de trabalho, mas também contribui para a construção de um ambiente mais colaborativo e inclusivo. Essas práticas destacam a necessidade de um suporte mais estruturado para garantir que as vozes femininas sejam devidamente reconhecidas e valorizadas no setor cultural.

Portanto, é urgente que ações concretas sejam tomadas para transformar o cenário atual, existem muitos aspectos que ainda precisam ser debatidos principalmente sobre direitos, garantindo que as mulheres continuem a moldar a produção cultural, recebendo o reconhecimento e o suporte que merecem. Tornando urgente que essas questões sejam estruturadas de outras maneiras, garantindo que esses profissionais exerçam as atividades sem dificuldades.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. IBGE: **homens ganham 17% mais que as mulheres**. Rádio Agência Nacional, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2024-06/ibge-homens-ganham-17-mais-que-mulheres>. Acesso em: 02 nov. 2024.

GADELHA, Rachel; BARBALHO, Alexandre. **Políticas públicas de cultura e o campo da produção cultural**. Revista Pensamento e Realidade, ano 16, v. 28, n. 4, 2013, p. 70-84.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos tempos, 2018.

INSTITUTE FOR WOMEN 'S POLICY RESEARCH (IWPR). **Women in arts and culture: a survey of the current landscape**. 2019. Disponível em: <https://iwpr.org/publications/women-arts-culture/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

JORDÃO, Gisele. **Panorama setorial da cultura brasileira**. 2011/2012 / Gisele Jordão, Renata R. Allucci – São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012.

NEXO JORNAL. **Mulher e trabalho no Brasil: cargo de gerente**. *Nexo Jornal*, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2024/03/08/mulher-e-trabalho-no-brasil-cargo-de-gerente>. Acesso em: 5 nov. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório**. SUR – Revista Internacional de Direitos Humanos, v. 13, n. 24, 2016, p. 99-104.

SILVA, Thays Nogueira da. **Produtoras culturais: um estudo sobre a participação das mulheres na produção cultural brasileira**. 2020

Apêndice A - Entrevista realizada com Carol Nunes em 03/11/2024 por e-mail.

1) Qual o seu nome e sua idade?

Carol Nunes, 32 anos.

2) Qual a sua naturalidade e o local onde reside atualmente?

Sou cria da Baixada Fluminense, tendo vivido boa parte da vida em Queimados. Atualmente resido em Nova Iguaçu.

3) Qual seu grau de escolaridade?

Sou formada em produção audiovisual pela Escola Internacional de Cinema e graduanda em Biblioteconomia pela Unirio.

4) Como você se reconhece enquanto produtora cultural?

Como produtora cultural, me reconheço a partir do desenvolvimento e realização de trabalhos que facilitam conexões entre a arte decolonial e as pessoas. Meu foco sempre foi promover a cultura a partir do viés da diversidade, apoiando artistas periféricos e criando espaços de troca e acolhimento de corpos dissidentes.

5) Em qual área do Festival Escambau você atua?

Atuo como produtora do projeto, negociando com fornecedores, dialogando com o poder público para obter autorizações e parcerias, e coordenando a montagem das exposições. Também sou responsável pela curadoria e pelo acompanhamento dos artesãos e artistas convidados para a feira, além de gerenciar todas as atividades do projeto em colaboração com a direção de produção.

6) Há quanto tempo atua nessa área?

5 anos.

7) Por que escolheu essa área?

Costumo dizer que, na verdade, foi a produção cultural que me escolheu. Sempre fui sensível à arte em suas diversas linguagens, mas não imaginava que poderia atuar profissionalmente nessa área. Em 2019, iniciei um trabalho em uma rede de bibliotecas comunitárias, e a partir daí, diversos projetos começaram a surgir na minha vida. A Aldir Blanc em 2020 foi um marco fundamental, permitindo que eu me enxergasse como uma fazedora de cultura, expandindo tanto meus conhecimentos quanto minha atuação. Isso me levou a iniciar novos projetos, conectar-me com outros produtores da Baixada Fluminense e integrar a equipe do Festival Escambau. Acredito que essas escolhas refletem um desejo meu, que sempre esteve presente, de fomentar novas perspectivas de futuro para meus pares por meio da arte e da cultura.

8) Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou nessa área?

Como uma mulher, negra e periférica, uma das principais dificuldades que enfrentei foi a invisibilidade e a falta de reconhecimento. Muitas vezes tive ideias e contribuições desconsideradas, além de sentir uma constante pressão para mostrar competência, tendo que muitas vezes trabalhar três vezes mais do que meus colegas homens e/ou brancos para ser validada.

9) Você acredita que existem mais mulheres ou homens atuando com produção cultural?

Acredito que as quantidades são equânimes. O que se difere são as oportunidades dada a cada um deles.

10) Quais as posições você acredita que as mulheres ocupam com mais regularidade nos projetos culturais?

No geral as mulheres ocupam posições de produção e assistência de produção.

11) Você considera que há desigualdade de gênero no âmbito da produção cultural? Sim, considero. Para mim a desigualdade de gênero ainda é notória no setor cultural do Rio de Janeiro, onde é possível observar muitos produtores homens medianos em destaque, enquanto mulheres talentosas são eclipsadas por sistemas de panelinhas masculinas.

12) Como é ser mulher e atuar como produtora cultural?

Tem seus lados positivos e negativos. No geral, é uma grande pressão para estar sempre à frente em todos os âmbitos, tendo que provar sua competência e os motivos para ocupar o lugar que ocupa. No entanto, também existe o bônus de que cada vez mais as mulheres vêm se reunindo para quebrar essas barreiras impostas, criando espaços de trabalho coletivos e redes de produtoras e artistas femininas que se fortalecem e se ajudam mutuamente.

13) Como a questão de gênero interfere na sua vida?

Durante muito tempo, a questão de gênero foi um fator de grande ansiedade em meu trabalho. Eu me via cercada de homens que encaravam o trabalho feminino como subalterno, criando ambientes tóxicos e repletos de micro agressões. No entanto, ao longo dos anos, fui agraciada com uma rede de trabalho feminina que permitiu que meus limites fossem expandidos, gerando um ambiente de acolhimento e respeito onde, juntas, subvertemos essas barreiras muitas vezes impostas por homens dentro da cultura.

Apêndice B: Entrevista realizada com Antonia Rodrigues em 02/11/2024 por Whatsapp

1) Qual o seu nome e sua idade?

Antonia Rodrigues, 23 anos.

2) Qual a sua naturalidade e o local onde reside atualmente?

Nascida e criada em Nova Iguaçu, em Miguel Couto, na Baixada Fluminense.

3) Qual seu grau de escolaridade?

Tem o ensino médio completo, apesar de não ter uma relação acadêmica, possui várias formações livres na área cultural e curso técnico em Produção Cultural.

4) Como você se reconhece enquanto produtora cultural?

Me reconheço enquanto produtora a partir da relação de assistir desde sempre a minha mãe realizando eventos grandiosos no bairro, como festas juninas. Quando passo a frequentar, na minha adolescência, movimentos culturais como *Mormaço*, *Slam* e a *Feira Gambiarra*, percebo que existe um mundo de possibilidades e vendo como um trabalho. Após finalizar a escola, faço um curso de organização de eventos e me reconheço nesse trabalho, então a partir da minha família e após o momento que essa função tinha um nome e posso levar tudo isso pra frente.

5) Em qual área do Festival Escambau você atua?

Atualmente estou como Produtora.

6) Há quanto tempo atua nessa área?

Atua como produtora desde 2022, após finalizar a escola, realizou cursos de organização de eventos, onde se identificou e enxergou a área como possibilidade de trabalho.

7) Por que escolheu essa área?

Gosto de organizar as coisas para que algo aconteça a partir do que foi planejado, percebo todas as problemáticas que um evento ou projeto cultural necessita, mesmo que anterior a sua realização, seja um cuidado muito grande. Sinto que essa área me dá possibilidade de solucionar e de trocar com os outros, sendo gratificante pensar nas etapas do projeto até ver a sua realização.

8) Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou nesse projeto?

Entender que existem monopólios, mesmo nos espaços periféricos, dentro da produção cultural vai sempre existir “mãos” que estão sempre movimentando a anos e que mesmo assim não são abertas para o novo. Enquanto uma pessoa negra, mas principalmente pessoa trans e uma produtora jovem. Eu tive a sorte de ter

peças como a Lis e a Carol (que também fazem parte da equipe do projeto) para me adentrar nos espaços, pois a maior dificuldade é a quantidade de homens que esse mercado carrega que reproduzem a lgbtfobia e o machismo.

9) Você acredita que existem mais mulheres ou homens atuando com produção cultural?

Acredito que existem mais homens trabalhando com produção do que se imagina, mesmo acreditando que as mulheres são muito melhores que homens trabalhando nessa área.

10) Quais as posições você acredita que as mulheres ocupam com mais regularidade nos projetos culturais?

No meu ciclo, vejo mais mulheres que estão à frente de projetos com tomadas de decisões. Tendo um protagonismo feminino maior, mas esse lugar de decisão feminina se apresenta dessa forma, por eu ter a sorte de estar rodeada por quem eu estou. No mercado do audiovisual, que é o setor que estou trabalhando mais nesse momento, as tomadas de decisões são completamente destinadas aos homens brancos.

11) Você considera que há desigualdade de gênero no âmbito da produção cultural? Existe sim desigualdade dentro da produção, a diferença racial também é muito gritante, os principais festivais que acontecem, mesmo sendo de mulheres a frente, sempre são pessoas brancas. E o lugar de assistência sempre acaba ficando em pessoas negras.

12) Como é ser mulher e atuar como produtora cultural?

Sinto que as minhas interseccionalidade, minha travestilidade e negritude, engrandecem os projetos que estou presente, trago uma perspectiva, muitas vezes novas em projetos que não existem pessoas trans, sendo muita das vezes a única pessoa trans. O meu papel e minha perspectiva é de fato transformar e trazer questões e pensar juntamente, provocando soluções para todos os públicos. Trazendo a necessidade de que o projeto seja destinado para o maior número de pessoas e vivências possíveis.

13) Como a questão de gênero interfere na sua profissão?

Me atravessa, justamente por ser uma pessoa trans, a forma como essas questões no espaço de trabalho chega para pessoas cis e para pessoas trans, são diferentes. Impossível ignorar, pois vou estar sempre pautando a minha transgeneridade. Sinto que ainda há muita dificuldade entre os homens, principalmente quando estão em

lugares de decisão, de entender que há uma voz diferente da deles e diferente do que eles conhecem de mulher. Os homens têm dificuldade de aceitar que nossas vozes têm que ser ouvidas e que na maioria das vezes temos razão em vários momentos. Sinto que esse abraço entre as mulheres cis, nos ambientes onde eu circulo e trabalho, se aproxima mais entre nos. Os homens por sua vez tendem a ter mais dificuldade e acabam ficando perplexos por percebem que a minha presença e a minha opinião vem carregada de certeza e relevância.

Apêndice C: Entrevista realizada com Liz Córdova em 06/11/2024 por e-mail.

1)Qual o seu nome e sua idade?

Meu nome é Liz Córdova e tenho 31 anos.

2)Qual a sua naturalidade e o local onde reside atualmente?

Sou natural de Queimados-RJ e atualmente resido no Rio de Janeiro.

3)Qual seu grau de escolaridade?

Possuo pós-graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

4)Como você se reconhece enquanto produtora cultural?

Eu me vejo como uma produtora cultural que atua com um foco em questões de gênero, sexualidade e territórios periféricos e favelados nas minhas produções. Esse trabalho vai além da organização das atividades e envolve a captação de recursos e a prestação de contas, garantindo que os projetos não só aconteçam, mas também sejam sustentáveis. Para mim, produzir cultura significa lidar diretamente com realidades complexas, ampliando visibilidade e relevância a temas que muitas vezes ficam à margem. Busco conectar, viabilizar e organizar processos que façam diferença e ampliem vozes e experiências nesses contextos.

5)Em qual área do Festival Escambau você atua?

Atuo como Diretora de Produção e Produtora Executiva do Festival Escambau.

6)Há quanto tempo atua nessa área?

Estou nesta área há 6 anos.

7)Por que escolheu essa área?

Escolhi essa área devido à minha formação em Letras e Literaturas, que me levou a participar ativamente na produção de eventos acadêmicos e a trabalhar na Rede Baixada Literária, uma rede de bibliotecas comunitárias. Essas experiências fortaleceram meu interesse em gestão cultural e no apoio a iniciativas que promovem a literatura e a arte em territórios periféricos. Após a graduação, esse caminho se expandiu com a criação de um podcast focado em literatura de autoria feminina e periférica, reafirmando meu compromisso com a valorização e visibilidade dessas vozes.

8)Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou nessa área?

Enfrentei desafios significativos, como a divisão de recursos que, embora tenha começado a se descentralizar entre capital e periferias, ainda está longe de ser suficiente. Mesmo com a existência de editais públicos, o marketing cultural voltado para financiamento privado ainda não atende plenamente aos interesses das

empresas em apoiar projetos periféricos. Além disso, a presença insuficiente de equipamentos culturais na região e a baixa manutenção de espaços como praças públicas, somados ao pouco apoio do poder público, dificultam o trabalho de profissionais independentes. Esses fatores exigem constantes adaptações e estratégias para manter os projetos em andamento e impactar as comunidades locais.

9) Você acredita que existem mais mulheres ou homens atuando com produção cultural?

Atuando na produção cultural, pude perceber que, embora haja uma presença crescente de mulheres, elas muitas vezes são enquadradas em funções ligadas ao cuidado e à organização, aspectos comuns na produção. No entanto, os cargos de liderança e posições mais técnicas ainda são predominantemente ocupados por homens. Essa divisão reflete desigualdades que persistem na estrutura da produção cultural, onde mulheres enfrentam mais barreiras para acessar postos de maior decisão e influência.

10) Quais as posições você acredita que as mulheres ocupam com mais regularidade nos projetos culturais?

Em geral, as mulheres costumam ocupar posições como produção, assistência de produção, social mídia e áreas voltadas à comunicação nos projetos culturais.

11) Você considera que há desigualdade de gênero no âmbito da produção cultural?

Sim, considero que há desigualdade de gênero no âmbito da produção cultural. Essa desigualdade reflete a estrutura da sociedade em geral, onde as mulheres enfrentam desafios para acessar cargos de maior responsabilidade e obter o mesmo reconhecimento que seus colegas homens. A produção cultural, assim como outros campos, ainda carrega resquícios de preconceitos e barreiras históricas que limitam a ascensão e a valorização plena das profissionais mulheres.

12) Como é ser mulher e atuar como produtora cultural?

Ser mulher e atuar como produtora cultural é um desafio que envolve lidar com a dinâmica de liderar processos em que homens estão envolvidos, o que pode trazer resistências e questionamentos adicionais. Ao mesmo tempo, é uma oportunidade de romper com estigmas e buscar formar uma equipe com uma presença cada vez maior de mulheres e que seja diversa em todos os sentidos, mostrando que a liderança feminina contribui para a diversidade e inovação nos projetos culturais.

13) Como a questão de gênero interfere na sua profissão?

A questão de gênero interfere de forma significativa na minha profissão. Frequentemente, enfrento resistências e dúvidas acerca da minha competência, o que resulta em uma cobrança maior por parte da sociedade. Além disso, é comum ter que lidar com situações delicadas em eventos, especialmente aquelas que envolvem marcadores de gênero. Essas experiências demandam uma sensibilidade e um cuidado adicionais, que muitas vezes não são esperados de colegas homens.

Apêndice D: Entrevista realizada com Sarah Martins em 05/11/2024 por whatsapp

1) Qual o seu nome e sua idade?

Sarah Martins, 27 anos

2) Qual a sua naturalidade e o local onde reside atualmente?

Eu nasci em São Paulo, SP e moro em Nilópolis a 8 anos

3) Qual seu grau de escolaridade?

Superior Incompleto

4) Como você se reconhece enquanto produtora cultural?

Minha trajetória na produção cultural está profundamente ligada à minha história na Baixada Fluminense. Em 2017, comecei a graduação em Produção Cultural no IFRJ - Nilópolis, um curso de referência no Brasil, onde há pouca oferta nessa área. Posso dizer que o instituto foi uma escola para mim. De maneira interdisciplinar, aprendi que produção é uma rede e uma área de atuação específica e complexa. Entender a produção cultural como um campo integrado exige muitas habilidades, como pesquisa em história, antropologia, filosofia, e geografia, além de um olhar crítico, compromisso social, e conhecimentos em empreendedorismo, administração, e tecnologia. Compreender as dimensões dessa profissão foi o primeiro passo. Ao longo do tempo, em diferentes atuações, passei a entender como essas habilidades se aplicam na prática, especialmente em contextos onde as condições para produção cultural são precárias. Há muitos artistas, coletivos e agentes que não têm acesso a recursos para produzir. A partir desses desafios, comecei a reconhecer o lugar da produção cultural dentro da vasta cadeia da cultura em nosso país. Atuando na organização, captação de recursos e, principalmente, mobilização de redes, fui me identificando e consolidando minha identidade como produtora.

5) Em qual área do Festival Escambau você atua?

Nesta edição, atuei como curadora, na minha primeira experiência nessa área. O convite surgiu em meio a um diálogo com os produtores sobre como a circulação de artistas visuais homens é muito maior que a de mulheres. O projeto já tinha um histórico com artes visuais, e havia o desejo de realizar uma exposição focada neste tema. Decidimos então inscrever a ideia, e o projeto foi aprovado em um edital de incentivo do estado.

6) Há quanto tempo atua nessa área?

Foi minha primeira atuação com curadoria, mas é um assunto ao qual já me debruçava em algumas pesquisas na faculdade, especialmente voltada para um olhar de gênero e geopolítico.

7) Por que escolheu essa área?

Sou artista visual, e acredito que a intersecção entre meu trabalho artístico e a produção cultural me fez perceber as lacunas existentes entre artistas e o público. O projeto da Escambau surgiu como uma oportunidade que eu mesma gostaria de ter, e isso me motivou a olhar para ele com a intenção de construir os espaços que eu mesma gostaria de ocupar. Considerei as dificuldades de ser mulher e artista, especialmente em territórios como a Baixada Fluminense, onde, muitas vezes, artistas que são reconhecidos em outros contextos têm pouca circulação local devido à falta de equipamentos e espaços para exposições. Esse contexto também influencia a formação de novos artistas e a construção de novos espaços, como ocorreu com a exposição da Escambau.

8) Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou nessa área?

Enfrentei muitos desafios, especialmente considerando que o recorte principal do projeto era gênero e território. Esses são temas densos, e foi um desafio apresentá-los de forma que não os delimita a conceitos fixos, mas sim como questões a serem discutidas e exploradas por todos, a partir de suas próprias relações com o tema. Reunir artistas com perfis tão distintos em uma proposta tão ampla também foi um desses desafios. A parte de pesquisa foi particularmente desafiadora. Meu primeiro passo foi realizar uma enquete nas minhas redes sociais pedindo referências de artistas visuais mulheres na Baixada, mas o retorno inicial foi muito baixo - apenas duas pessoas responderam. Isso foi significativo para mim, e postei de novo, questionando: "Como assim vocês não conseguem citar ao menos uma?" Com isso, obtive um retorno um pouco maior, mas ainda assim recebi no máximo seis respostas, muitas delas repetidas. Percebi que havia realmente um grande desafio, pois eu mesma já havia mapeado e sabia quantas artistas talentosas existiam na Baixada. Para chegar aos 10 nomes necessários, fiz um processo de pesquisa que durou mais de dois meses e resultou em cerca de 20 nomes. Pensei: "Não é possível que existam apenas 20 artistas visuais em um território tão grande." Essa experiência deixou claro que havia uma necessidade urgente de dar visibilidade a essas mulheres, para que a população possa conhecê-las, indicá-las, e se identificar com elas.

9) Você acredita que existem mais mulheres ou homens atuando com produção cultural?

Sinceramente, tenho muitas mulheres como referência nesse meio, então não sei dizer com precisão em termos de números. No entanto, percebo que, em espaços de poder, reconhecimento e visibilidade, esses lugares ainda são majoritariamente ocupados por homens.

10) Quais as posições você acredita que as mulheres ocupam com mais regularidade nos projetos culturais?

Vejo mais mulheres atuando nos setores criativos e de comunicação, enquanto posições como produção executiva e diretoras de produção, curadorias, artistas principais, ainda são menos ocupadas.

11) Você considera que há desigualdade de gênero no âmbito da produção cultural?; Sim. Considerando que a cultura é um espaço de expressão social, muitas das desigualdades presentes na sociedade também se refletem nesse meio. É muito mais difícil para as mulheres conquistar legitimidade e oportunidades para mostrar seu trabalho, especialmente em espaços onde essa reflexão sobre gênero sequer é discutida. Em diversas linguagens culturais, surgem desafios como a descredibilização, a sexualização e a desigualdade salarial, entre outros obstáculos.

12) Como é ser mulher e atuar como produtora cultural?

Acredito que nós, mulheres, vivemos em constante negociação com o sistema patriarcal para conseguir acessar espaços e ganhar alguma visibilidade, muitas vezes entregando um trabalho de qualidade excepcional para obter algum reconhecimento—algo que nem sempre é tão exigido de alguns homens (digo alguns, pois entendo que existem outros recortes sociais nessa equação). Por isso, acredito que é necessária muita resiliência para correr atrás dos nossos objetivos, desviando dos obstáculos, sem nos deixar cair.

13) Como a questão de gênero interfere na sua profissão?

Como comentei, acho que é sempre necessário nos provar e reafirmar como profissionais competentes para não alimentar os estigmas que recaem sobre as mulheres. Existem outros sintomas do machismo que atingem as mulheres em qualquer meio ou profissão, como descredibilização, sexualização, ocupação de cargos menores, desqualificação intelectual, entre outros.